

incidente

*Phabulo Mendes**

Para Lee T.

O fato é que eles riram.

No começo, narro. O começo, assim como uma história linear, daquelas em que há apresentação de toda a trama situando cada ponto, cada vírgula. Mas pode parecer estranho a falta de alguns pontos, algumas vírgulas caídas no decorrer da narração. Mas corremos o risco. Então conto.

Na manhã em que eles riram, já não havia tudo no lugar porque eles acrescentaram hiatos no decorrer do discurso que os mantinham configurados enquanto tais. A condição animal ainda pertencia a uma ordem maior. Assim, contrapunha a minha racionalidade,

toda esquadrinhada – refletindo-me e enquadrando-me – com a peculiaridade animalesca deles. Um bando de seres.

Tudo isto é um episódio proporcional, para não termos que depender de nomeações ou definições. Elas todas fracassam. A captação de um acontecimento é algo cuja proporcionalidade funciona como porta de entrada.

Uma semana antes do riso e adentramos no fato em si. Na coisa presentificada. Sete ou oito dias antes havia percebido ruídos. Vinham do teto. Até este momento não percebia que existia um teto daquela forma. Sabia da segurança da casa e isso era tudo. Nada me incomodava porque nada exigia de mim. A casa me refletia.

A casa deixou-me de ser um espelho límpido, onde cada objeto repousava em sua particularidade, à medida que eles começaram os ruídos. Resolveram entre si a hora e o local. Metódicos a ponto de imprimirem uma marca, um encontro. E na hora certa eles apareciam.

A reunião deles – porque no final das contas eram muitos – também foi algo propositado. Uma coisa leva a outra, a qual por sua vez bate à porta de outra e entra, acomoda-se e gosta do ambiente. Quando dei por mim, não estava mais só. Explico-me: existiam outros, acima. E era no raiar do dia, no sangrar da manhã, que se dava o clímax. Antes não sei bem o que faziam, por onde andavam ou mesmo se dormiam. Sei que antes eu apenas tentava dormir.

À proporção que os dias daquela semana passavam, mais eu os conhecia. Soube, gradativamente, qual a direção percorrida antes de atingir o desfecho, antes de celebrarem a vitória com estridentes risadas.

Começava primeiro com um – o cabeça, penso eu. Ele demarcava o espaço necessário e então avisava os comparsas. Todos esperavam que eu desse o primeiro passo. A decisão sempre partiu de mim. Costumo começar e terminar os meus afazeres, as minhas obrigações – sejam elas quais forem. E então, após o tiro disparado, eles contra-atacavam. Não teria mesmo condição para suportar, já que todas as minhas tentativas eram irrisórias frente a eles.

A surpresa maior ocorreu quando consegui, entre o estardalhaço que faziam em poucos segundos, ouvir a risada. Riso fácil de criança sem pretensão para acontecer. Na verdade pensei na verossimilhança que precisa haver na vida para que ela possa acontecer. Indaguei-me se não estava sonolento, se já acordara mesmo. Constatei depois que sim, que meus ouvidos entenderam nitidamente os risos e que também era o começo da manhã.

Como alguém ansioso à espera de um segundo encontro no começo de uma relação, assim o fiz. E eles vieram e riram. Eu já não era mais o protagonista da história. O embate agora tinha outros heróis. Eu parecia subordinado dentro daquele enredo. Passavam os dias, ou melhor, a semana continuava com seus ousados raios matinais e eu me habituava com as risadas. O ritual todo das manhãs era objeto de estudo durante o dia: primeiro ouvia um rápido correr desenfreado, depois atirava algum calçado no teto. Eles paravam alguns segundos, e só depois – o que era um prazer doloroso para mim – se mostravam pelas risadas.

Com o correr dos dias, a dúvida que sentia no início do fato misturava-se com as gargalhadas. Procurei, à toa, explicar o episódio a algumas pessoas, mas não fui compreendido: “isso é inverossímil” ou “é sua imaginação”, quando não mesmo “você precisa descansar,

é falta de sono”, repetiam. Nem uma coisa, nem outra. Nem inverossimilhança, nem imaginação. Da falta de sono poderia até ser compreensível nos primeiros dias, caso não houvesse ritmo dentro do episódio. Contudo tinha coerência e cadência.

E então veio o fim. Normalmente sabemos tudo no final. Sabemos que no fim as coisas são explicadas: as vírgulas, antes indecisas e passageiras, repousam; os pontos encerram verdadeiramente um fato, uma trama, uma história. Mas neste fim faltará ponto conclusório porque eles partiram sem explicar o motivo da vinda, o porquê do enredo tão articulado inicialmente. Fico só, apenas. E nem mesmo pude dar um fim – eu que tanto gosto de terminar. Espero, desde então, a volta deles para completar a história e, enfim, utilizar o veneno que decidi comprar, depois de muito cogitar, para eliminá-los.